

## **EDUCOMUNICADOR É PRECISO**

### **Maria Cristina Castilho Costa**

Professora Doutora e Livre-Docente do Departamento de  
Comunicação e Artes da Escola de Comunicação e Artes da USP

Uma das áreas mais instigantes que se desenvolvem hoje no campo das Ciências da Comunicação é aquela que pressupõe uma colaboração estreita e efetiva entre duas disciplinas - a Comunicação e a Educação. Numa época em que as fronteiras disciplinares e as barreiras departamentais são arrombadas com o objetivo de promover a convergência no campo teórico, a troca de experiências no campo universitário e a colaboração no campo da prática profissional, essas duas disciplinas convergem para o desenvolvimento da fecunda intersecção.

Quais são as razões para que essa integração se verifique tanto nas investigações acadêmicas como nas práticas levadas a efeito em grande parte do mundo? As razões são, principalmente, de natureza social - a crise que se avizinha desses campos do conhecimento e exigem a busca de novos procedimentos e novos modelos de explicação da realidade.

Por um lado, é a mídia que, com seu desenvolvimento e expansão, transforma o mundo de hoje na era da informação e da comunicação. Assim, as relações interpessoais se vêm cada vez mais intermediadas por relações simbólicas midiáticas. Falamos com os outros mais pelo telefone do que pessoalmente, tomamos conhecimento do mundo pela imprensa e assistimos à vida passar pela tela da TV, viajamos através do fax e navegamos pela Internet.

Essa preponderância da mídia em relação às formas de nos relacionarmos com o mundo e com as pessoas tem levado os estudiosos da comunicação ao exame mais enfático e cuidadoso das conseqüências dessa massiva presença midiática na cultura humana. Preocupam-se com os possíveis efeitos dessa avalanche de informações. Finalmente, o desenvolvimento tecnológico, potencializando ao extremo esse universo midiático, tem conduzido os comunicadores para a investigação do poder da tecnologia e do sentido dos enunciados que produzem e divulgam.

Assim, esses temas sobre os quais se debruçam os cientistas da comunicação acabam por levá-los a buscar na Educação o suporte teórico necessário a uma política de defesa do público e do cidadão contra a hegemonia das empresas de comunicação. Educar o público, torná-lo consciente do poder e efeito das informações, fazê-lo capaz de manter uma atitude crítica diante da mídia, parecem ser preocupações importantes nas pesquisas em andamento no mundo inteiro. Alfabetização imagética, consciência crítica, apropriação dos meios de comunicação, mídia alternativa e comunitária são alguns dos conceitos que norteiam a pesquisa científica e o debate a respeito da Comunicação.

Na América Latina, especialmente, onde a expansão surge como uma iniciativa, por vezes, alienígena e dominante, as possibilidades de se fazer frente a esse novo imperialismo têm mobilizado inúmeros teóricos tais como Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini, que alcançaram projeção mundial com suas teorias a respeito de mediações.

Assim, a Ciência da Comunicação volta-se para a Educação na busca de um espaço de relações pessoais no qual possa trabalhar com os aspectos cognitivos, críticos e comportamentais do público e onde prevaleça, por sobre os interesses comerciais e econômicos, uma postura formativa e libertadora.

Mas, se esse é o panorama da Comunicação que a leva em direção aos pressupostos teórico-metodológicos da Pedagogia e ao ambiente da prática educativa, os problemas que fazem com que a Educação acolha com entusiasmo essa convergência não são menos graves. A educação encontra-se na atualidade, sofrendo as investidas mais acirradas. Ao lado da crise do ensino público, ocasionada pelas transformações do Estado e pela dominação do neoliberalismo no mundo, as modificações que se sucedem no campo do trabalho exigem uma revisão de objetivos, metas e metodologias.

O mercado de trabalho modifica-se vertiginosamente em virtude da globalização e da revolução informática. Antigas profissões desaparecem e as que permanecem, mesmo aquelas mais tradicionais e conhecidas, têm seu perfil modificado, exigindo novas habilidades e conhecimentos. A revolução tecnológica torna as tarefas cada vez mais abstratas, obrigando o jovem trabalhador a utilizar cada vez mais raciocínio e criatividade em vez de atitudes convencionais e retóricas. A quantidade de informação e conhecimento do mundo moderno exige que o professor redimensione seus currículos e estabeleça prioridades. Mais importante é ensinar a pensar e a conhecer do que transmitir conteúdos determinados por uma grade curricular.

Por outro lado, as tarefas exigidas em qualquer atividade profissional são cada vez mais complexas, fazendo que o trabalhador tenha que aprender os processos sofisticados e sutis. Num mercado de trabalho em que faltam vagas, o nível de escolaridade dos candidatos tende a ser cada vez mais elevado. Todas essas questões povoam o dia-a-dia de quem trabalha com Educação, levando a uma revisão de critérios e parâmetros.

Não podemos também deixar de considerar que o próprio desenvolvimento dos meios de comunicação modificam a pauta das discussões escolares. O tempo que os alunos gastam diante da TV é maior

do que aquele que passam na escola. As informações que recebem por essa via são mais poderosas do que as adquiridas no lento trabalho pedagógico e o poder de sedução da mídia parece colocar em risco relação de aprendizagem da escola.

A educação tem estado às voltas com essa inundação de imagens e enunciados midiáticos há duas décadas. Mas com o rádio, o cinema e a televisão, a escola podia manter-se a distância dividindo nitidamente seus campos de atuação - a ela pertencia o conhecimento, a pesquisa, o trato com as letras, a seriedade e o trabalho, enquanto à mídia se reservava o espaço do lazer, do entretenimento, da ficção e da arte. Nessa distribuição de prerrogativas e funções sociais, escola e mídia ora se namoravam, ora se divorciavam, resguardando sempre sua autonomia e especificidade.

Isso foi possível até a chegada do computador. A revolução eletrônica veio modificar esse cenário e derrubar os limites entre as duas áreas. A informática une o lazer ao trabalho, o texto escrito ao imagético, a ciência à arte, o entretenimento à pesquisa.

Essa transformação radical nos processos de conhecimento e comunicação desencadeados pela informática tomaram a escola de surpresa. Não se trata mais de uma mídia destinada apenas ao tempo livre que o aluno goza em casa. É uma tecnologia de trabalho que está envolvida nas mais simples atividades, exigindo familiaridade e domínio do trabalhador. A educação que desprezar os conhecimentos necessários a ela estará frustrando as expectativas de qualquer educando que tenha por objetivo de sua formação a capacitação para o trabalho.

Por outro lado, o computador é um novo meio de comunicação que, ligado a redes mundiais, transpõe os muros da escola e aparece como eficiente veículo de trocas de informações e importante ferramenta de experiências pedagógicas. Conhecer esse meio e apropriar-se dele parece ser

inevitável à escola e um desafio que a maioria delas se propõe a enfrentar. Mas se o computador aparece como auxiliar do professor e da troca do conhecimento entre escolas, o fato de que nele predomina a linguagem multimídia assusta aqueles mestres acostumados a valorizar apenas o texto escrito. Pensar e expressar-se através de imagens e sons é coisa nova na pedagogia tradicional que, ao contrário, limitou o uso de outras linguagens à acanhada aula de educação artística.

É preciso também considerar que o uso do computador revoluciona a prática pedagógica tradicional, na medida em que é um meio que propõe a comunicação, a interatividade e o trabalho em grupo, formas de atuação sempre rechaçadas no ambiente escolar. A mecanização das rotinas, a memória disponível, o corretor ortográfico e a calculadora parecem aberrações para uma atitude pedagógica funcionalista e mecanicista. A introdução da informática em sala de aula leva, portanto, a uma nova concepção de aprendizado, a mudança no papel do professor e na sua relação com seus alunos. Como atualizar o corpo docente e transformar uma mentalidade há anos sedimentada sobre certos valores é uma questão que tem levado os pedagogos a buscar na comunicação propostas e formulações.

Dessa forma, o computador, além de toda a crise que atravessava a Educação, motiva considerações novas sobre o trabalho escolar, permitindo entender que se trata de uma ferramenta adequada para as novas posturas construtivistas que a educação moderna apregoa. Tornar o aluno o próprio agente de seu aprendizado, fazer do professor um facilitador que constrói com ele o conhecimento, estimular a curiosidade e a pesquisa e aliar o trabalho com prazer e entretenimento parecem ser os critérios da pedagogia mais atualizada e do usuário da informática.

Interessante notar, no que concerne ao campo interdisciplinar da Comunicação e da Educação, que Construtivismo, enquanto proposta

pedagógica, e as Mediações, como objeto da Ciência da Comunicação são projetos teóricos metodológicos que centram seu interesse no público ou receptor da comunicação. E se é verdade que qualquer mensagem midiática é filtrada ou mediada pela bagagem cultural do público, como afirma Barbero, não é menos verdade, hoje, que o aprendizado se dá a partir do referencial cognitivo do aprendiz. Daí a importância de uma educação voltada para o ambiente sócio-cultural do aluno, com conteúdos relacionados às suas necessidades, às suas crenças e ao seu cotidiano, deixando-se de lado o universalismo predominante, até bem pouco tempo, na prática educativa.

O que procuramos mostrar com este texto é que há fortes tendências sociais, políticas e científicas que promovem a convergência entre a Comunicação e a Educação como áreas do conhecimento que, voltadas para a cognição, a intersubjetividade, assim como para a capacidade de expressão e construção do mundo simbólico, estabelecem uma série de interrogações. Procuramos demonstrar também, que as próprias posturas teóricas demonstram afinidades eletivas. Agora é chegada a hora de falarmos um pouco sobre esse profissional que tem como missão colocar em prática os conhecimentos adquiridos com as teorias a respeito da Educação e os pressupostos e estratégias da Comunicação, ou seja, aquele que chamamos de educador.

Quais seriam, então, as prerrogativas desse novo profissional? Em primeiro lugar, suas atividades estariam voltadas para a introdução da mídia existente na prática em sala de aula, ou seja, para as estratégias que possibilitem aos professores o uso didático da imprensa falada, escrita e televisada integrando seus conteúdos; para a utilização do cinema e da TV como meios para práticas pedagógicas interessantes e eficientes; para o emprego de certas notícias, como, por exemplo, em lance de um jogo de

futebol, para instigar a reflexão dos alunos. Essa inserção da mídia na escola representa um primeiro passo para que o professor estimule seus alunos e traga para o campo teórico as experiências cotidianas.

Um segundo campo de ação desenvolvido pelo educador é aquele que capacita o professor a utilizar a tecnologia da comunicação - disponível, muitas vezes, na própria escola - para elaborar seus próprios materiais pedagógicos. Computador, câmera de vídeo, máquina fotográfica, gravador, faz, podem servir para excelentes experiências didáticas. Trabalhar com eles exige, geralmente, mais vontade política do que habilidade.

Outra atuação, proposta ao educador na escola é o estímulo para que os alunos se apropriem das mídias e das tecnologias de comunicação para produzir seus próprios veículos e desenvolver suas formas de expressão. Inúmeras experiências com rádio e jornais internos têm sido levadas a cabo com grande sucesso. É preciso, no entanto, que tais iniciativas não se restrinjam à hora do recreio, nem se reduzam ao entretenimento. Apropriar-se de um conhecimento ou de uma técnica é poder fazer uso dela sempre que surja a necessidade.

O educador trabalha ainda com a comunicação no espaço educativo - a comunicação interna entre professores e entre eles e a direção da escola, entre pais, alunos e professores, criando verdadeiramente canais de troca de informações. Organiza também a comunicação externa da escola e suas relações com a comunidade, estreita laços entre as instituições culturais da região e promove atividades educativas coletivas.

É área de atuação desse profissional, também, o gerenciamento de informações, a criação de centros de pesquisa e laboratórios, a integração entre disciplinas e os planos de investimento em tecnologia nas escolas. A escolha de equipamentos, a organização dos espaços, o gerenciamento de programas, a capacitação do corpo docente e a disponibilização para

professores e alunos é tarefa de um profissional que entenda tanto de escola como de comunicação.

Como se vê, não é pequeno o universo de trabalho do educador, nem é pequena a área de pesquisa de que se ocupa. O importante é saber que inúmeras iniciativas nessas diversas linhas estão sendo implementadas no mundo todo, visando a uma educação mais pragmática, eficiente, formadora e crítica e uma mídia mais comprometida, séria, cidadã. Nosso trabalho é, portanto, trazer à luz essas possibilidades e acenar com as possíveis práticas que elas propõem, tendo consciência de que qualquer atraso nessa direção poderá resultar em uma educação menos eficiente e em uma comunicação mais hegemônica e alienante. Portanto, educador é preciso!